

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM
ESPANHA
18 e 21 de abril de 2026

CRIA CUERVOS / 1976 (*Cria Corvos*)

Um filme de CARLOS SAURA

Realização e Argumento: Carlos Saura / **Fotografia:** Teodoro Escamilla / **Montagem:** Pablo Del Amo / **Direcção Artística:** Rafael Palmero / **Música:** Federico Mompou / **Intérpretes:** Geraldine Chaplin (Ana; Mãe); Ana Torrent (Ana), Mónica Randall (Paulina, a tia), Florinda Chico (Rosa) Hector Alterio (Anselmo, o pai), Josefina Díaz (Avó), Conchita Pérez (Irene), etc.

Produção: Elias Querejeta Producciones Cinematográficas / **Produtor:** Elias Querejeta / **Cópia:** da Fimoteca Española em 35mm, cor, legendada em inglês e eletronicamente português / **Duração:** 110 minutos / **Estreia Mundial:** Madrid, 26 de Janeiro de 1976 / **Estreia em Portugal.** Cinema Estúdio (Lisboa) 28 de Março de 1980.

Sessão de dia 18 com apresentação por Carlos Reviriego (Fimoteca Española)

**Cría cuervos, cría cuervos
y te sacarán los ojos**
(Provérbio Espanhol)

Antes de irmos ao filme propriamente dito, vamos demorar-nos um pouco sobre Carlos Saura e na sua contextualização dentro do cinema espanhol.

Convém relembrar que em Espanha na década de sessenta não houve um verdadeiro movimento de ruptura e de clivagem entre o “velho” e o “novo” cinema, como o que foi desencadeado pela *Nouvelle Vague* em França e que teve repercussões nas principais cinematografias europeias (inclusive a portuguesa) e não só.

Se houve uma “revolução” no panorama cinematográfico espanhol nesta década, ela deu-se mais na área de produção (ou melhor dizendo da co-produção), ao tornar-se, gradualmente, num dos locais mais requisitados da Europa para filmagens, do que propriamente área da criação. O que teve consequências. Se entre o deve e o haver, Espanha e o seu cinema lucraram ou não com isso é uma longa e interessante discussão, mas que não cabe aqui e agora desenvolver .

Carlos Saura, que realizou a sua primeira longa-metragem precisamente em 1960, não foi uma excepção. E não o foi porque, se por um lado, um movimento é, por definição, algo de colectivo, ou seja – e recorrendo agora a um provérbio português – uma só andorinha não poderia fazer a Primavera, por outro, os filmes de Saura não são, nem pretenderam

ser de ruptura “contra” fosse quem fosse. Saura nunca, nem na teoria nem na prática, tentou “politizar”, nem a si nem aos seus filmes.

Esclarecido isto, convém deixar claro que tal – por si só – não diminui (nem acrescenta) nada ao mérito de Saura enquanto cineasta, nem ao mérito que os seus filmes (individualmente) possam ou não ter.

Aliás, algum dever ter tido, tanto mais não seja pelo facto de a sua primeira obra ter sido seleccionada para o Festival de Cannes e com a terceira (La Caza – 1966) ter ganho o Urso de Prata para o melhor realizador no Festival de Berlim.

Mas é a partir do seu filme seguinte, *Perpermint Frappé* (1967), que marca o início da sua colaboração com Geraldine Chaplin - que se iria prolongar por 11 anos e 9 filmes - acabada de sair do baladíssimo e rentabilíssimo *Doctor Jivago* - que Carlos Saura vai – filme a filme – ganhando notoriedade e prestígio.

E de entre todos ele *CRÍA CUERVOS* é, sem dúvida, o mais famoso.

Muito embora, paradoxalmente (ou não), toda a vitalidade e toda a magia cinematográfica deste filme vem, não de Geraldine Chaplin (que, ironicamente, é o elo mais fraco e mais desastroso do filme), mas de Ana Torrent (a Ana), que na altura tinha 10 anos, e que, três anos antes tinha sido também uma Ana em *El Espíritu de la Colmena* de Victor Erice. E por causa das duas Anas (a actriz e a personagem), as comparações são inevitáveis. Valeu a Saura que, à época, fora de Espanha (e mesmo aí), pouca gente soubesse quem era Victor Erice.

Mas, deixando de lado as comparações, foquemo-nos apenas e tão só no filme de Saura. É um facto que, e apesar de todos os defeitos (ou melhor, não tanto os defeitos, mas a falta “feitos”) de que *a posteriori* lhe possamos apontar, *CRÍA CUERVOS* é um daqueles filmes que contém dentro de si um encanto que é tão inexplicável quanto indefensável. É só ver e senti-lo:

No olhar – nos próprios olhos, enormes – de Ana Torrent (daí a citação do provérbio em epígrafe). Se Ana é um corvo, que irá arrancar os olhos de quem a criou, de alguma maneira absorveu – misteriosamente – o olhar daquele bicho.

Na avó muda e paralítica, a olhar para as fotografias.

Na piscina vazia num jardim citadino.

E por fim numa dança e numa canção...

Porque te vas?

Não te esquecerei, Ana Torrent

João Pedro Bénard